

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO: A CRÍTICA
POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI
11 e 13 de abril de 2023

UN TRANQUILLO POSTO DI CAMPAGNA / 1968
(Um Lugar Tranquilo na Província)

Um filme de Elio Petri

Realização: Elio Petri / Argumento: Tonino Guerra, Elio Petri, Luciano Vincenzoni / Produção: Alberto Grimaldi / Direção de Fotografia: Luigi Kuveiller / Montagem: Ruggero Mastroianni / Música: Ennio Morricone / Interpretações: Franco Nero (Leonardo Ferri), Vanessa Redgrave (Flavia) Georges Géret (Attilio), Gabriella Boccardo (Wanda), Madeleine Damien (Mãe de Wanda), Valerio Ruggeri (Tony), Rita Calderoni (Egle), Arnaldo Momo (Aldeão), Sara Momo (Aldeã), Otello Cazzola (Aldeão), Constantino De Luca (Aldeão), Marino Bagiola (Aldeão), Piero De Franceschi (Aldeão), Camillo Besenon (Aldeão) / Cópia: 35mm, a cores, falada em italiano com legendas eletrônicas em português / Duração: 107 minutos / Estreia Mundial: 14 de novembro de 1968, Roma / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Há, desde logo, dois aspetos que ressaltam num filme tão (conscientemente) arrojado como este: o primeira diz respeito ao tema, a corrupção do dinheiro e da vaidade no mundo da arte, ilustrada pela relação vampiresca que se vai estabelecer entre os protagonistas, então amantes na vida real, Franco Nero (depois de **Django** [1966] mas antes de **Tristana** [1970]) e Vanessa Redgrave (depois de **Blow-up** [1966] mas antes de **The Devils** [1971]). Ela, sua agente e companheira, acede aos desejos dele, pintor em crise, de se retirar para um misterioso palacete abandonado no campo – a mudança irá ser tudo menos tranquila por força (das histórias) de habitantes que assombram essa nova residência. Por outro lado, temos a forma do filme, desde os primeiros instantes reveladora daquilo que Georges Sadoul, no seu *Dicionário dos Cineastas*, considerava paradigmático do universo dramático de Petri, em particular, do seu estrondoso sucesso planetário que se seguiria a esta obra, **Indagine su un cittadino al di sopra di ogni sospetto** (1970): uma pronunciada mistura de “denúncia política” com “delírio patológico”.

Neste **Um tranquillo posto...** não haja dúvidas de que a mistura é menos pronunciada do que nos filmes seguintes, mas também é verdade que, nesta obra lançada no ano quente de 1968, encontramos uma tentativa levada a cabo por Petri, auxiliado pelo célebre argumentista de Michelangelo Antonioni, Tonino Guerra, e em colaboração com o compositor Ennio Morricone, de “expor na tela” a mente estilhaçada de um homem em luta com vários fantasmas, sendo acometido por agudíssimos ataques psicóticos em que, entre outras coisas, o pintor impotente fantasia com a morte como ato criador. Sonha e alucina a sua própria morte às mãos de sua mulher e agente, mas também o contrário: delira com o homicídio desta para seu livre recreio. Uma violência arbitrária parece despertar no artista desinspirado e algo entediado quando confrontado

com as “presenças invisíveis” daquela casa, em particular, de uma antiga dona chamada Wanda. Não se percebe ao certo se Petri pretende transformar a típica história de assombrações, que conhecemos de clássicos da literatura (Edgar Allan Poe é citado) ou do próprio cinema (lembra vagamente **The Haunting** [1963] de Robert Wise), numa alegoria sobre a incomunicabilidade (a marca de Tonino Guerra) no seio de um casal, como se Wanda fosse aqui o terceiro elemento que vem minar e comprometer o reduto mais íntimo da relação.

Todavia, e apesar dessa tentativa de tornar “intimista” uma história fantástica de assombrações, Petri tergiversa a proposta inicial para se concentrar na dita “denúncia política” e aí é menos eficaz do que nos seus filmes posteriores, pois à necessidade de contar a história de Wanda naquela casa, e da tragédia que a assolou no já recuado – e “não inscrito” – tempo da guerra, vai juntar-se o desejo de destapar o véu de um assaz hipócrita mundo da arte. O que se expõem aqui são, digamos assim, “relações de consumo”: do pintor *consumido* pela memória de uma ninfa tão infame quanto heroica, aparentemente envolvida no movimento de resistência antinazi, e da muito periclitante condição mental do protagonista *consumida* pela avareza dos falsos amigos que o rodeiam, começando pela atual companheira.

E é um filme de um cineasta filiado no Partido Comunista que pouco ou nada parece ligar ao contexto revolucionário desses dias quentes de 1968, refugiando-se numa crítica à burguesia em termos muito distantes da luta que se desenrolara, nesse ano, nas ruas, universidades e fábricas. A propósito de um filme posterior, **La classe operaia va in Paradiso** (1971), Petri havia criticado, em entrevista concedida à revista *Ecran* («Il faut être en rapport dialectique avec la réalité...»), por Jean-A. Gili e Christian Viviani, junho de 1972) o estado geral do cinema italiano, em particular a sub-representação do povo proletário no grande ecrã desde o advento do *boom* económico. Ora, a loucura do pintor de **Um tranquillo posto...** é muito pouco ideológica, ficando a sensação de ser um pretexto usado por uma prestigiosa equipa de artistas italianos, na realização, no argumento e na música, para pura e simplesmente se recrearem num *bric-a-brac* de sons e imagens.

Em suma, a reinante estetização *chic* da doença mental parece ter a dita denúncia crítica das jogadas de poder, entre artista e mercado, como mero pretexto. **Um tranquillo posto...** é uma diversão anti-burguesa enformada por uma espécie de alheamento político ou alienação ideológica, que, tal como o protagonista, também ela procura refugiar-se numa casa de campo qualquer, afastando-se do “furor” das cidades e tornando, perto do fim, o momento de denúncia política e histórica em “mais um” adereço ao serviço do teatro formal, sério e tétrico como o velhinho “cinema do papá” francês, que, aliás, ocupa grande parte desta metragem. Talvez seja este o sinal mais nítido da dupla face de Elio Petri como um cineasta nem sempre capaz de conciliar ou equilibrar a forma da crítica com a crítica da forma.

Luís Mendonça